

# **Operários Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt Também Foi um Imigrante Alemão**

René E. Gertz  
(Depto. de História — PUC/RS)

## **RESUMO**

Estudo a imprensa operária alemã nos anos '20 e '30 no Rio Grande do Sul. Abordo um aspecto pouco analisado da imigração alemã no RS — o operariado e seus movimentos sociais — e a liderança de Friedrich Kniestedt no processo.

## **ABSTRACT**

I study german worker press in the 20 and 30 decades of XXth. century at Rio Grande do Sul. I approach a little analysed aspect from german immigration at RS — the working class and its social movements — and Friedrich Kniestedt's leadership in the process.

## **1. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES**

O presente artigo está longe de ser um texto acabado sobre o tema proposto. Trata-se antes do arrolamento de alguns dados provisórios sobre uma pesquisa que está apenas iniciando. Mas em vez de uma descrição do encaminhamento da pesquisa, optou-se pela apresentação de alguns dados já disponíveis. Há por isso muitas lacunas e deficiências, que se pretende corrigir durante a pesquisa; reformulações estão, portanto, calculadas.

Apesar disso, julgo válido apresentar alguns dados de que disponho até o momento. Ultimamente, têm sido feitas revisões da his-

tória do movimento operário no Brasil, baseadas quase exclusivamente na publicação de documentação avulsa.<sup>1</sup> Por que não se poderia então dar publicidade aos dados de que disponho, mesmo que muitas vezes eles ainda estejam bastante desconexos?

Cronologicamente, o tema está delimitado em função da principal fonte de pesquisa até o momento: jornais. De 1920 a 1930, existiu em Porto Alegre o jornal operário *Der freie Arbeiter* e de abril de 1933 até outubro de 1937, o mesmo grupo que publicara o primeiro publicou a *Aktion*, entremeada durante o ano de 1937 por *Alarm* e *Das deutsche Buch*. Desta forma, se a data final indicada pelo título representa um corte real, com a implantação do Estado Novo, a data inicial é arbitrária e poderá ser mudada, caso a pesquisa conduza a outras fontes que permitam uma tal ampliação.

Ainda uma palavra sobre o subtítulo. Dois são os motivos de sua adoção: 1. Kniestedt é sem dúvida o elemento central entre os operários de origem alemã no Rio Grande do Sul durante o período (e o será também nesta exposição); 2. a historiografia sobre a imigração alemã no sul do Brasil é bastante ampla mas desconheço qualquer trabalho que se tenha dedicado a operários de origem alemã; o subtítulo pretende, por isso, lembrar a esta historiografia que ela se "esqueceu" de um aspecto do tema.

## 2. OS OPERÁRIOS ALEMÃES

Na década de 1930, calculava-se que havia no Rio Grande do Sul cerca de 600.000 habitantes de origem alemã (correspondendo a cerca de 20% do total da população do Estado). Em Porto Alegre, calculava-se que em torno de 12% da população era de origem germânica.

Apesar de que em Porto Alegre o percentual seja mais baixo do que no Estado como um todo, cabe lembrar que a participação de alemães na indústria e no comércio da cidade era bastante acentuada e o operariado de que trataremos aqui também se concentrava na capital, mesmo que tenha havido ramificações organizacionais no interior do Estado.

A primeira organização entre operários de origem alemã surgiu em 1892; era o *Allgemeiner Arbeiterverein*. Eram operários ligados à social-democracia alemã os mentores desta associação. João Batista Marçal afirma que "a partir de 1910 há uma visível refração no noticiário das atividades" desta organização, mas que por essa época um descuido dos social-democratas permitiu que o *Allgemeiner* caísse nas mãos dos anarquistas.<sup>2</sup>

Falta pesquisar toda a história, e sobretudo o período posterior a 1910, desta organização. Independente de sua orientação ideológi-

ca e de sua atuação posterior a esta data, temos no entanto notícias de que em 1917, quando Kniestedt chega a Porto Alegre, encontra um clima antigermânico generalizado e quase toda a “colônia alemã” estava tomada de medo, “muito herói colocara sua luz nacional debaixo do famoso banquinho e mostrava-se como brasileiro”; “nesta época somente o *Allgemeiner Arbeiterverein* tinha a coragem de assumir posições claras, apesar das correntes nativistas”.<sup>3</sup>

Esta afirmação sugere que o *Allgemeiner* nesta época ainda estava ativo, apesar de que Kniestedt não se manifesta sobre sua orientação ideológica. É possível que tenha estado sob controle anarquista, já que o elogio partia de um anarquista. Isto, porém, não é incontestável, visto que nos anos seguintes surgirá justamente sob a liderança de Kniestedt uma associação de cunho clara e declaradamente anarquista, o *Sozialistischer deutscher Arbeiterverein*. Se o caráter anarquista do *Allgemeiner* fosse pacífico, não se explicaria sem mais, por que se criou uma nova entidade.

O *Sozialistischer Arbeiterverein* aparentemente é reconhecido (de forma positiva, mas sobretudo de forma negativa) como o principal representante dos operários de origem alemã, pois Kniestedt e o jornal *Der freie Arbeiter* constituem referência freqüente na imprensa de língua alemã no Rio Grande do Sul e também na imprensa de língua portuguesa.

Não foi possível ainda reconstituir o surgimento do *Sozialistischer* nem a história de seu órgão oficial mas este se iniciou com 6 páginas e regularidade bimensal em 1920; em 1923; foi ampliado para 8 páginas. Seu desenvolvimento posterior a esta data também ainda não foi possível investigar mas ele existiu sem interrupções maiores até maio de 1930, o que o coloca entre os mais duradouros jornais anarquistas do Brasil.

Kniestedt era um operário especializado na fabricação de pinéis e escovas e iniciara sua militância na Alemanha dentro da social-democracia, da qual foi se afastando cada vez mais até aderir ao anarquismo. Em 1909, emigrou para o Brasil, por “ter perdido a confiança na humanidade”, “por não querer mais ter nada a ver com a massa, com a besta homem”.<sup>4</sup> Foi para o Paraná, onde um grupo que conhecera na Alemanha havia estabelecido uma colônia em que deveria vigorar o comunismo, o vegetarianismo e o nudismo, enfim o princípio de “voltar à natureza”. Esta colônia tinha o nome de *Zukunft* (Futuro) e se localizava às margens do rio Ivaí.<sup>5</sup> Decepcionado com a experiência, Kniestedt resolveu estabelecer-se como agricultor mas suas tentativas de resistência à dominação política oligárquica na região lhe trouxeram problemas e ameaças e ele acabou trabalhando numa fazenda de café em São Paulo, de onde retornou à Alemanha.

Após esta breve estada no Brasil, empreendeu uma segunda emigração para cá, em torno da Primeira Guerra, estabelecendo-se ainda durante a guerra em Porto Alegre, onde permaneceu para o resto da vida.

Sua postura anarquista, que vinha de longe, se definira mais claramente. Se em 1909 não queria mais nada com a “massa” e fugira para um anarquismo na idilidade rural, há agora uma clara definição pela luta do operariado: “O proletariado fez fiasco com os meios que utilizou até agora”. A única ação correta do proletariado é a ação direta via greve geral. O Estado desaparece miseravelmente se o proletariado deixa de trabalhar. A revolução do futuro não se realizará mais, como antigamente, na rua, mas no local de trabalho dos operários, pois são eles os únicos que conhecem as máquinas, podendo sabotá-las ou então simplesmente desligá-las, que ninguém conseguirá fazê-las funcionar. Por isso, é necessário educar o proletariado para que este diga unísono “para ti, classe capitalista, não produzimos mais nada”.<sup>6</sup>

É a este trabalho de educar o proletariado — e outras camadas sociais — que Kniestedt se dedica para o resto da vida.<sup>7</sup> Para isto, abre diversas frentes de luta: nos anos 20, dentro do próprio proletariado e em relação aos conservadores, nos anos 30, sobretudo frente aos nazistas.

Em fins de 1922, chega a Porto Alegre um representante do Partido Comunista alemão, o alfaiate F. Haberland. Juntamente com seus dois filhos, Haberland ingressa no *Sozialistischer Arbeiterverein* e procura reorientá-lo. Os três são expulsos, mas o *Verein* sofre abalos com o incidente, pois é criada uma “deutsch-kommunistische Zelle” (célula teuto-comunista) que desencadeia uma luta contra o *Sozialistischer* e seu jornal *Der freie Arbeiter*, utilizando-se para isso inclusive da imprensa conservadora (a *Neue Deutsche Zeitung*). O grupo de Haberland cria um jornal próprio, *Die Befreiung* (A Libertação), mas só consegue editar três números. Pouco depois, o líder do grupo retorna à Alemanha.<sup>8</sup>

Amainado este incidente, o *Arbeiterverein* resolveu ampliar sua ação e em maio de 1923 realiza-se o único congresso socialista em língua alemã no Brasil. Nas dependências da Federação Operária do Rio Grande do Sul, reuniram-se representantes de 14 associações do interior do Estado com o objetivo de “compatibilizar os interesses da população de língua alemã do Rio Grande do Sul com o ideário do socialismo”. Um representante de nome Richthofen apresentou sugestões que “tinham um gostinho bolchevista”. Felizmente, só o representante Brauks de Ijuí o apoiou e os demais delegados concordaram com um programa que se apoiava na Primeira Internacional e que seguia uma linha de luta econômica, renegando a luta política e qualquer tipo de luta armada.<sup>9</sup>

Com sua postura apolítica, o *Verein* e o *Freier* parecem ter passado relativamente incólumes pela revolução que grassou no Estado durante o ano de 1923. Em 1924, o *Freier* enfrenta problemas com o governo na época em que eclode no Estado o movimento de Luís Carlos Prestes. O manifesto de Prestes é considerado uma “miscelânea de coisas ilógicas” mas suas teses para salvar a democracia eram “copiadas de Mussolini” e mais adiante Kniestedt comparava Prestes aos “carrascos da Espanha e da Itália”. Isto que valeu a censura. Em 1925, amplia a campanha contra Primo de Rivera e o *Freier* está proibido entre março e maio, surgindo em seu lugar o *Zirkular*.<sup>10</sup>

Mas não só dentro do próprio movimento operário e por parte do governo Kniestedt enfrenta problemas. Como seu trabalho além do cunho operário tem também um cunho étnico, enxerga toda e região de colonização alemã como seu campo de atuação. Assim, por exemplo, escreve que no natal de 1922, quando se comemorava mais um aniversário de Cristo, ele, que não era cristão, se pôs a agir cristãmente. “Como eu e o meu amigo *Der freie Arbeiter* estamos entre os poucos que não só pronunciam as palavras ‘não matarás’, mas procuramos colocá-las em prática”, se pôs a caminho para fazer agitação em favor do “não matarás!”. No dia 24 de dezembro, iniciou uma viagem que, passando por São Leopoldo e Montenegro, o levou a Ijuí e Neu-Württemberg (Panambi), onde, em palestras que duravam três horas, mostrava que a sociedade atual é muito pouco cristã e descrevia o verdadeiro socialismo. Em todos os lugares por que passava, criava grupos de “freie Arbeiter” (trabalhadores livres).<sup>11</sup>

Este tipo de ação resultava em oposição férrea por parte dos representantes tradicionais da “colônia alemã”. A *Neue Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre, não perdia oportunidade para acusar Kniestedt de bolchevista e judeu — ele fazia questão de dizer que não era um nem outro —, de terrorista etc.<sup>12</sup> Pastores luteranos manifestavam-se freqüentemente contra a sua atividade.<sup>13</sup>

A atividade de Kniestedt a partir de aproximadamente 1925 ainda não foi possível rastrear mas, a acreditar em suas “Memórias”, parece que ele passou a se dedicar quase integralmente ao movimento. Em fins de 1924, demite-se da fábrica de vassouras Pettersen; durante alguns meses fabrica pincéis por conta própria e em fevereiro de 1925 cria a Livraria Internacional, ampliada em 1927, quando vende, para este fim, uma propriedade.<sup>14</sup> Sua participação no movimento continua intensa, como o sugerem fatos isolados de que se tem notícia. É preso, por exemplo, quando o recém eleito Washington Luís visita Porto Alegre, acusado de distribuir panfletos contra o novo presidente.<sup>15</sup>

Paralelamente ao seu envolvimento de cunho étnico, trabalha intensivamente na Federação Operária, da qual é tesoureiro.

1930 representa um certo corte na vida de Kniestedt. Baseado no estatuto da Federação Operária, que reza que só pessoas ativas dentro do processo produtivo podiam ser membros, renuncia a todos os cargos e se retira do movimento. Na mesma época, também fecha o *Der freie Arbeiter*, que fora editado por ele durante 10 anos. Nesta mesma época, até brinca com a idéia de se tornar capitalista. A Firma Mentz e Co. tinha fundado uma fábrica de escovas, mas como ela não funcionasse a contento, Mentz chamou Kniestedt e a ofereceu para a venda, sob condições muito vantajosas, segundo o próprio Kniestedt. Foram realizados diversos encontros para discutir o assunto mas no final Kniestedt, segundo ele próprio, não aceitou o negócio por uma questão de princípio, pois não admitia explorar o trabalho de outros.<sup>16</sup>

Kniestedt e seu grupo, porém, vão ressurgir com atividade intensa a partir do momento em que os nazistas começam a abalar a vida da “colônia alemã” (mesmo antes de assumirem o poder na Alemanha). O próprio Kniestedt afirma que, com a perseguição que lhe moveram os nazistas, resolveu recomeçar tudo de novo.

O primeiro confronto mais claro e intenso com os nazistas deu-se em 1932, quando estes procuraram tomar conta da Caixa de Socorros do Bairro Navegantes em Porto Alegre, de cuja diretoria Kniestedt era membro. Desta luta, que de parte dos nazistas era liderada pelo ex-comunista Ehrlich, Kniestedt saiu vencedor mas foi classificado entre os sete “alemães” mais antipatizados do Rio Grande do Sul, segundo uma famosa carta nazista da época.

Diante desta ameaça nazista, foi criada em abril de 1933 a *Liga für Menschenrechte — Ortsgruppe Porto Alegre* (Liga de direitos humanos — grupo Porto Alegre), da qual participaram inicialmente pessoas sem partido, democratas, social-democratas, comunistas e os anarquistas. Segundo Kniestedt, não participaram nem exilados alemães nem judeus, nem se estabeleceram vínculos com congêneres na Europa. As represálias e as ameaças fizeram com que muitos recuassem e no final sobraram os anarquistas.

A *Liga* resolveu editar um jornal, para orientar a luta antifascista, a *Aktion*. Apesar das dificuldades, o jornal manteve uma regularidade bimensal até outubro de 1937, editando um total de 90 números. Durante o conturbado ano de 1937, houve uma interrupção, quando o jornal foi substituído por uma publicação alternativa chamada *Alarm* (fevereiro a abril); quando este também enfrentou problemas políticos, foi substituído por *Das deutsche Buch* (maio, junho e julho). Em agosto, pôde ressurgir a *Aktion*, para desaparecer definitivamente em outubro.

Estes jornais nos dão uma boa idéia da luta travada durante os anos 30 (ao menos até 1937). Esta luta evidentemente está centrada no combate direto ao fascismo. Em primeiro lugar, se pretende fornecer informações alternativas sobre o que está ocorrendo na Alemanha, inclusive com o envio do jornal para aquele país. No Brasil, a *Aktion* representa uma contrapropaganda e conseqüentemente um confronto com muitos jornais de língua alemã que simpatizam com ou fazem propaganda aberta para o nazismo. Em 1934, Kniestedt é processado pelos jornais *Neue Deutsche Zeitung* de Porto Alegre e *Der Urwaldsbote* de Blumenau mas absolvido em duas instâncias. O cônsul alemão de Porto Alegre solicita à polícia o fechamento do jornal por supostas ofensas a autoridades alemãs. A caixa postal de Kniestedt é constantemente lambuzada e depredada. Um rato morto contaminado lhe é enviado pelo correio. Sua Livraria Internacional sofre a agressão por parte de jovens hitleristas.

A *Liga für Menschenrechte* realiza reuniões regulares, em certas épocas, semanais, com palestras para mostrar e discutir o que é o nazismo, o que está acontecendo na Alemanha e o que os nazistas e seus simpatizantes estão fazendo no Brasil. Além disso, com o tempo, a *Liga* passa a receber e ajudar fugitivos do regime nazista.

Uma outra atividade que o movimento dos operários teutos parece intensificar nesta época no sentido de combater a ação nazista, é a atividade assistencial (já referida rapidamente com a luta em torno da Caixa de Socorros de Navegantes) e a atividade cultural e recreativa. É desta época a criação ou reativação de um grupo de teatro, de grupos de ginástica, de canto e, no verão, a intensa programação numa praia do Guaíba, em terreno próprio das associações operárias de Navegantes.

Como todas as escolas de língua alemã correm o risco de serem "niveladas" (*gleichgeschaltet*), é instituída uma comissão para estudar a criação de uma escola baseada nos princípios de Pestalozzi,<sup>17</sup> mas este projeto não chega à execução.<sup>18</sup>

Toda esta luta contra o nazismo pode ser considerada eficaz, se levarmos em conta a reação do outro lado. Mas no final, Kniestedt experimentou uma tragédia familiar. Na *Aktion* de 10 de outubro de 1937 publica uma "declaração" em que afirma que todos os meios imagináveis já foram utilizados para destruí-lo. Como até agora não deram resultado, passou-se a "levar a discórdia para dentro da minha família. Meu filho Max tornou-se membro de uma organização nazista, a famosa *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemã de Trabalho) e permitiu que sua filha de 11 anos participasse de uma promoção nazista. Ele declarou que foi obrigado a fazê-lo, para não perder o emprego. Eu não reconheço este motivo como válido e lhe comuniquei através de carta que lhe foi entregue a 23 de setembro de 1937 que, em função do exposto, foi rompido o laço que o ligava aos seus

velhos pais. Nem através deste expediente se muda a minha opinião sobre o nazismo”.

Sem dúvida, a luta dos anos 30 se voltava primordialmente contra o nazismo. Até jornais conservadores, como o *Deutsches Volksblatt*, foram elogiados, mesmo que contidamente e com ressalvas, por sua luta contra os nazistas. Não foi possível ainda identificar de forma clara a postura diante do governo federal e do governo estadual durante os anos 20, mas nos anos 30 há diversas referências ao regime liberal vigente no Brasil (e ao uso abusivo que os nazistas fazem das liberdades existentes). Em um discurso no *Turnerbund*, a 25 de julho de 1937, Flores da Cunha sugeriu que os seus ouvintes, nas próximas eleições, votassem em Armando de Salles Oliveira. A *Neue Deutsche Zeitung*, comentando esta sugestão do governador gaúcho, lembrou que o mesmo tinha uma ascendência judia. Kniestedt comenta: “Esta é a resposta que a *Neue Deutsche Zeitung* dá ao discurso conciliador do Senhor Flores da Cunha.”<sup>19</sup> Até a postura diante do integralismo parece titubeante em alguns momentos, visto que, em função de sua campanha nacionalista, o integralismo era tido como irreconciliável com o nazismo. Certa vez, a redação da *Aktion* recebeu um cartão assinado por “um grupo de integralistas”, dizendo “aconselhamos a este pasquim dirigido por estrangeiros a não se meter na nossa política nacional” e depois formulavam ameaças. Kniestedt levou o cartão ao então chefe integralista, Dario Bittencourt, e este afirmou que o cartão não tinha origem integralista e provavelmente foi enviado por nazistas. Kniestedt concorda com esta opinião.<sup>20</sup>

A quem (além dos nazistas) Kniestedt, porém, não dá tréguas durante todo o período, são os comunistas. Diversas vezes eles são acusados de conluio com os nazistas em Porto Alegre.<sup>21</sup> No final da sua existência, *Aktion* recebe um subtítulo em português: “Órgão contra o fascismo e o bolchevismo”. Este subtítulo certamente fazia parte de uma tática para sobreviver mas sem dúvida era também um subtítulo sincero.

### 3. Considerações finais

Ainda não foi possível estabelecer a força numérica do movimento aqui abordado. Mas a manutenção de uma imprensa regular por quase vinte anos sugere que sua força era relativamente grande; esta opinião se reforça se levarmos em conta a reação e preocupação que áreas conservadoras e fascistas sempre manifestaram em relação aos ativistas operários.



Francisco Foot e Victor Leonard, ao se referirem ao *Allgemeiner Arbeiterverein* e sua longevidade, afirmam que “se a associação efetivamente se manteve nestes vinte anos... , isto talvez se deva, principalmente, ao fato de estar muito vinculada a um determinado núcleo de imigrantes... , tirando sua estabilidade muito mais desse fator étnico cultural do que das características gerais do movimento sindical local”.<sup>22</sup>

Esta interpretação é plausível, sobretudo se acrescentarmos a idéia de que muitos colonos do interior, camponenses de origem alemã, parecem ter simpatizado com ideário operário. Prova disto são as viagens de Kniestedt pelo interior, para doutrinar, e também a leitura dos jornais, com que ao menos na manutenção destes entrava um elemento não operário.

Mas mesmo que esta variável constitua uma explicação plausível, uma resposta mais consistente só poderá ser dada quando a pesquisa tiver progredido mais.

#### NOTAS

1 — Um exemplo deste tipo de revisão encontramos em Costa, Emília V. da. “A nova face do movimento operário da República Velha”. In: *Revista Brasileira de História*, 2(1982)4.

2 — Marçal, João Batista. *Primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1985, p. 63.

3 — *Aktion*, 8.9.1936.

4 — *Aktion*, 21.6.1935.

5 — *Aktion*, 2.9.1935.

6 — *Aktion*, 30.1.1936.

7 — Provavelmente a idéia de utilização de “dinamite cerebral” de que fala John W. F. Dulles, é de Kniestedt. Cf. Dulles, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 233.

8 — *Alarm*, 15.2.1937.

9 — *Alarm*, 10.3.1937.

10 — *Alarm*, 5.4.1937.

11 — *Der freie Arbeiter*, 20.1.1923.

12 — *Der freie Arbeiter*, 30.11.1920.

13 — Isto explica o profundo silêncio sobre este movimento na historiografia tradicional sobre a imigração alemã. O único lugar em que há uma referência, é no livro comemorativo do centenário da imigração alemã (*Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*) de 1924, onde o Padre Amstad, ao arrolar os jornais de língua alemã do Estado, cita *Der freie Arbeiter*.

14 — *Alarm*, 5.4.1937.

15 — *Alarm*, 29.4.1937.

16 — *Das deutsche Buch*, maio de 1937.

17 — *Aktion*, 15.12.1934.

18 — *Aktion*, 10.6.1935.

- 19 — *Aktion*, 18.8.1937.  
20 — *Aktion*, 23.4.1934.  
21 — *Aktion*, 28.2.1935, 18.4.1935.  
22 — Foot, Francisco e Leonardi, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo, Global Editora, 1982, pp. 345-346.